

Resumo: O Ano Sacerdotal passou, mas seus objetivos continuam. É isso o que o presente artigo quer mostrar, formulando sugestões e fazendo questionamentos. O autor começa por lembrar os objetivos do “Ano”, bem como seus “destinatários privilegiados”. Apresenta uma fundamentação fenomenológica do específico do sacerdócio presbiteral e trata, a seguir, da importância da missão sacerdotal. Examina, ainda, a identidade do Presbítero no Documento de Aparecida, e desenvolve as características da sua espiritualidade. Na conclusão, o autor reúne uma série de sugestões e desafios práticos.

Abstract: The year dedicated to the priesthood has already passed but its objectives are still continuing today. This is the aim currently developed in the article, offering suggestions and raising questions. The author begins by calling to mind the objectives of the “Year” and the “privileged addressees”. It presents a phenomenological foundation of the specific characteristics of the priestly ministry and deals with important mission of the priesthood. It also investigates the identity of the priest according to the “Document of Aparecida”, and develops the characteristic aspects of its spirituality. In the conclusion the author gathers a large number of further suggestions and practical challenges as the aftermath of Aparecida still lingers on.

A propósito do Ano Sacerdotal

Vilmar Adelino Vicente*

* O Autor, presbítero da arquidiocese de Florianópolis, é Doutor em Serviço Social, Mestre em Administração Pública e Bacharel em Teologia, professor no ITESC e reitor do Seminário Teológico de Joinville em Florianópolis.



1 Preâmbulo

O Ano Sacerdotal nasceu da inspiração de Bento XVI de celebrar os 150 anos da morte de São João Maria Vianney, ocorrida em 04 de agosto de 1859.

A promulgação do Ano Sacerdotal foi realizada em 19 de junho de 2009 – Solenidade do Sagrado Coração de Jesus – tradicionalmente dedicada ao Dia Mundial da Oração pela Santificação dos Sacerdotes, e se estendeu até a mesma solenidade, 11 de junho de 2010.

O tema do Ano Sacerdotal vem da palavra de Deus: “*Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração*” (Jr 3, 15). O lema, “*Fidelidade de Cristo – Fidelidade do Sacerdote*”, foi interpretado pelo Cardeal Claudio Hummes, da Pontifícia Congregação do Clero, numa frase: “O nome do amor no tempo é fidelidade”. Ou seja, o tempo de vida que nos é dado será um *kairós*, se a fidelidade for a tônica constante.

A teologia espiritual que norteia o Ano Sacerdotal reforça a centralidade de Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, que pelo mistério pascal (encarnação, paixão e morte, ressurreição), sustenta a missão da Igreja, na qual o ministério sacerdotal é fundamental, prolongando o sacerdócio de Jesus Cristo na história da humanidade.

Afinal, em nosso modelo eclesiológico atual, sem o sacerdócio, não haveria Eucaristia e Sacramentos, a proclamação consistente da Palavra de Deus estaria comprometida, e a expansão missionária e a sobrevivência da própria Igreja entraria em crise!

Objetivos do Ano Sacerdotal, definidos pela Congregação do Clero, foram os seguintes:

- favorecer aos sacerdotes a tensão de santidade em vista de sua perfeição espiritual;
- compreender mais e melhor a importância do papel e da missão sacerdotal na Igreja e na sociedade;
- recuperar com urgência a consciência que impele os sacerdotes a estarem presentes e serem reconhecidos, pela fé e ciência, nos âmbitos da cultura e da caridade;
- aprofundar a mística e a espiritualidade sacerdotal como dom e mistério à serviço da Igreja e do mundo;
- irradiar na sociedade contemporânea a beleza do sacerdócio, capaz de seduzir a juventude para o ministério sacerdotal;



- refletir sobre os valores das raízes bíblico-teológicas da vida ministerial em favor do povo sacerdotal;
- contribuir para a renovação da identidade e da fraternidade do presbitério.

Esses objetivos, por si só, constituem um vasto programa de santificação da vida e do ministério dos presbíteros, não só no Ano Sacerdotal, mas ao longo das próximas décadas.

Destinatários privilegiados do Ano Sacerdotal:

1. os bispos, que devem dedicar as melhores energias eclesiais à formação dos candidatos ao sacerdócio e à solicitude com os presbíteros, máxime com aqueles que mais necessitam;
2. os presbíteros, que constituem a base da evangelização da Igreja a serviço do mundo;
3. os meios de comunicação social, para que irradiem a beleza do sacerdócio e favoreçam os valores do evangelho;
4. o povo de Deus, para que, conscientes de seu caráter sacerdotal, cresçam na dinâmica do Reino de Deus e no empenho pela transformação do mundo em cooperação com os presbíteros!

A **logomarca do Ano Sacerdotal** traduz o espírito e a espiritualidade deste ano celebrativo:

1. a cor dominante é o vermelho, que evoca o sangue de Jesus derramado pela salvação da humanidade. Essa missão é prolongada pela doação da vida dos sacerdotes, a seus irmãos e irmãs;
2. a cruz refere-se a Jesus oferente ao Pai na sua imolação radical, modelo da consagração sacerdotal;
3. a Eucaristia aparece como fonte, cume e ápice da Igreja;
4. fidelidade é o desafio da vida sacerdotal, em permanente tensão de santidade;
5. 2009 / 2010 – é o tempo, o *kairós*, em que nos foi dado viver profundamente o mistério do sacerdócio!

As reflexões aqui propostas não têm um caráter bíblico-teológico, mas constituem observações de ordem praxiológica e reflexões espirituais e pastorais de quem há alguns anos se dedica à formação de presbíteros.



2 Fundamentação

São João Maria Vianney já disse, no seu tempo, que “**o sacerdócio é o amor do Coração de Jesus**”. De fato, Jesus demonstrou muito carinho pelos seus doze apóstolos:

- passou uma noite inteira em oração, preparando a sua escolha (Lc 6, 12);
- escolheu os que Ele quis (Mc 3,13);
- criou com eles um forte vínculo de amizade e discipulado (Jo 15,15);
- educou-os e corrigiu-os na ótica do evangelho (Mc 9, 33);
- ensinou-lhes passo a passo os segredos da evangelização (Mt 10, 5-15);
- despediu-se deles com a Oração Sacerdotal (Jo 17).
- finalmente, Jesus pediu a todos para que suplicassem ao Senhor da messe, que *envie mais operários para a colheita* do Reino de Deus (Lc 10, 2).

O magistério da Igreja ensina que o sacerdote age “*in persona Christi*” (na pessoa de Cristo), em nome da Igreja e em favor do Povo de Deus. Como Jesus, o Padre é ponte humana (pontífice), é escada singular (*scala*), é rota concreta (via) entre Deus e o Povo de Deus. O padre é mediador no único e suficiente mediador sacerdotal – Jesus Cristo! (cf carta aos Hebreus, cc. 5-10).

O sacerdote consagra toda a sua humanidade, frágil e pecadora, para que, ungido pelo Espírito Santo, esteja a serviço da nova humanidade em Cristo.

Toda vocação tem sua raiz na missionariedade do Filho, que nos chama, embora sejamos “*vasos de argila*”, carregando o tesouro da graça (2Cor 4, 7). O Padre não é anjo nem demônio, é apenas um *homem* que crê no amor de Deus e no qual Deus apostou uma missão extraordinária! E essa escolha de Deus não pode ser traída levemente!

O Padre é consagrado para gerar um mundo novo, na verdade e na justiça. O Padre é ordenado para ordenar o mundo na ótica do evangelho. *Eis que faço novas, todas as coisas!* É pelas mãos unguidas do presbítero, e pelo batismo do povo sacerdotal, que se criam *os novos céus e a nova terra* (cf Ap 21, 1-5).



“**O Padre é um médico ferido**”, diz o maior teólogo moralista do século XX (Bernard Häring). Nascido para curar a humanidade do pecado, o próprio sacerdote é marcado pela doença dos pecados do seu tempo. A história de um Padre é uma história de dor e amor, de pecado e salvação. Não há uma vocação que não seja provada pela vida! Mas, também, não há nenhuma vocação que não foi profundamente amada por Deus! “*Com amor eterno eu te amei, e tenho por ti, imensa ternura*” (Jr 31, 3).

Mas, lembremos também que esse exagero de amor de Deus pelos seus sacerdotes, se destina ao Povo de Deus, à família do sacerdote, aos seus amigos e companheiros de jornada na vida, às comunidades próximas e às pessoas mais distantes da face da terra. Tudo o que se diz do Padre é em benefício *do povo sacerdotal, da raça escolhida, da nação santa* (1Pd 2, 9).

O Padre, por isso tudo, tem a obrigação de ser um homem de Deus. Do farmacêutico queremos remédio, do açougueiro queremos carne, do padeiro queremos pão, do cientista queremos ciência, do educador queremos educação, mas do Padre queremos Deus! O Padre não tem o direito de ser um homem mundano, medíocre, superficial!

O Padre é um especialista em humanidade e um perito nas coisas divinas. O Padre é a visibilidade do amor de Deus, o administrador dos mistérios de Deus. O Padre é o mestre da Palavra de Deus e o médico dos remédios sagrados dos sacramentos. Diante disso tudo, só podemos concluir que o sacerdócio é um mistério insondável do amor divino. Por que justamente eu sou sacerdote, nunca o saberei! É mistério e graça!

Só posso ter uma certeza na palavra de Jesus: “*Não fostes vós que me escolhestes! Eu vos escolhi e vos constitui para que vades e produzais fruto e o vosso fruto permaneça*” (Jo 15, 9).

A respeito do sacerdócio, São Francisco de Assis dizia: “Quero temer, honrar e amar os sacerdotes como meus senhores, pois neles está o Filho de Deus. Não levo em consideração os seus pecados, porque reconheço neles a presença de Jesus”! Lembremos que São Francisco de Assis vivia numa época de profunda decadência clerical. São Francisco acreditava que só o amor e a misericórdia de Deus podem erguer um sacerdote ferido e decaído.

Igualmente, São João Maria Vianney afirma que “morreríamos de amor” se conseguíssemos compreender o sacerdócio na terra. Só no céu compreenderemos o significado e o valor do sacerdote.



Por sua vez, de Santa Teresinha do Menino Jesus são estas afirmações: “Vim para o Carmelo para rezar pelos sacerdotes”; “Deus não chamou os que são dignos da graça sacerdotal, mas chamou os que Ele quis!” “Movido pela sua misericórdia é que Ele chama os seus sacerdotes”!

3 A importância da Missão Sacerdotal

O Padre não precisa de bajulação e mordomia do povo, mas de compreensão e colaboração, de carinho e perdão, de caridade e oração.

O povo deseja sempre um bom médico, um bom advogado, um bom engenheiro e, forçosamente, deseja um bom padre. A bondade do coração de um sacerdote e sua santidade de vida é tão importante quanto sua competência intelectual e pastoral.

Um povo sem o sacerdote decai em desumanidade e se torna prisioneiro dos próprios pecados. Ninguém como o padre tem o poder de anular, destruir e vencer o mal na vida das pessoas e lhes conceder a graça da vitória! Só o padre pode dizer: “*Eu te absolvo de todos os pecados da tua vida passada e presente! Vai em paz*”! Só o padre pode dizer: “*Isto é o meu corpo! Isto é o meu sangue*”! E assim acontece o grande milagre da Eucaristia: Deus entre nós! Jesus se torna contemporâneo nosso, pelo mistério do pão e do vinho consagrado pelo sacerdote!

A Igreja necessita e depende do trabalho dos presbíteros e, sobretudo, de sua santidade de vida. Ministros de Deus, os presbíteros são os colaboradores mais diretos dos Bispos, os promotores dos leigos e leigas e os protagonistas privilegiados da transformação da Igreja e da sociedade.

Na sua missão, os presbíteros experimentam sacrifício e alegria, frustração e realização, dom e entrega de si mesmos! A gratuidade é a principal característica do sacerdote; a ovelha não produz lã para si mesma e a abelha também não fabrica o mel para sua exclusividade! Assim, o Padre não existe para si! Ele é de Deus e para os irmãos; o padre existe para a glória de Deus e a salvação do mundo.

A felicidade do sacerdócio é reflexo da felicidade pessoal; um padre humano, alegre e feliz, é o melhor áudio visual de Deus para as vocações, para a Igreja e para o mundo.

O Padre é um presente do coração de Deus para o coração do mundo! *Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração* (Jr 3,15). Padre



quer dizer pai; pai de muitos filhos; pai da comunidade. Sem o sentido de paternidade, o sacerdócio é estéril!

O padre diocesano, ou “secular”, é como um pai:

- Um Pai que vive no século – no mundo!
- Um Pai que é *sacer* – sagrado pela unção do Espírito.
- Um Pai que é *dote* – presente para a Igreja e o mundo.
- Um Pai como Abraão – chamado a formar um povo.
- Um Pai como Moisés – chamado a liderar um povo no deserto.
- Um Pai como Profeta – chamado para corrigir e consolar.

O padre autêntico vive o que anuncia e anuncia o que crê. O padre não pode viver uma heresia vital: dizer uma coisa e viver outra. Lembremos do conselho de Paulo a Timóteo: “*Tu homem de Deus, foge dos vícios*” (1Tm 6,11).

Homo sum et nihil humanum a me alienum puto (sou humano e nada do que é humano me é alheio). Essa humanidade foi escolhida por Deus, que nos amou com amor eterno. Afinal, *sou um pecador que Deus amou!* (Pe. Paulo Bratti – ITESC, 1982). Só na encarnação do Verbo, encontramos respostas para o mistério da nossa vocação. Não há molde sacerdotal: nosso modelo nós o criamos a partir de Jesus e das circunstâncias históricas de nossa existência!

Não há dúvida de que o padre é semelhante a outros homens, *mas é um homem diferente:*

- **Di** (duo = dois): carrega em si duas dimensões: a humana e pecadora; e a sobrenatural, configurada pelo Espírito Santo;
- **Ferrens** = Levar / transportar: carrega o fardo do povo santo e pecador. Por isso, o Pe. Chevrier dizia: “*Le prêtre c’est un homme mangé*” – “O Padre é um homem devorado”!

A nossa vocação vem do grito do povo de Deus. Todavia, ao responder a esse grito, vivemos um equívoco ministerial: ou somos muito racionais ou muito emocionais. O padre é chamado a compreender a realidade humana do povo e libertá-lo, pela força do espírito! Nem racionalismo, nem emocionalismo deve orientar a nossa práxis, mas a liberdade no Espírito deve guiar nosso ministério (Gálatas 5, 13-25)! Só a realidade quebra as fantasias (emocionais e racionais) e revela o Espírito Santo, com os seus sete dons (Is 11, 2-3) e os seus frutos (Gl 5, 22-23)!



4 Identidade e Missão do Presbítero no Documento de Aparecida

O Concílio Vaticano II, no Documento *Presbyterorum Ordinis*, estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um à sua maneira participa do único sacerdócio de Cristo.

Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, nos redimiu e nos permitiu participar de sua vida divina. N'Ele, somos todos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós! O Documento de Aparecida apresenta alguns desafios essenciais ao exercício do ministério presbiteral, sob a luz da doutrina conciliar:

- a. **O presbítero, antes que Padre, é um irmão para cada irmão.** Esta dimensão fraterna deve transparecer no exercício pastoral e superar a tentação do autoritarismo e o centralismo que isola o presbítero da comunidade e da colaboração com os demais membros da Igreja. O presbítero não pode, menos ainda, cair na tentação de se considerar somente um delegado ou representante da comunidade. O padre é um dom para a comunidade eclesial pela unção do Espírito Santo, na sua ordenação. É também vínculo especial da união com Cristo, Cabeça do Corpo Místico que é a Igreja.
- b. **O ministério do presbítero deve estar inserido na cultura atual.** O presbítero é chamado a conhecê-la para semear nela a semente do Evangelho, ou seja, para que a mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para a juventude. Esse desafio inclui a necessidade de potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros, em suas cinco dimensões; humana, espiritual, intelectual, pastoral e comunitária.
- c. **Os aspectos existenciais e afetivos, supõem uma vida espiritual intensa.** Fundado na experiência de Deus, mas também no cultivo de relações fraternas com os demais presbíteros, o padre mantém saudável relacionamento com o bispo e com os leigos (as). Para que o ministério do presbítero seja coerente e testemunhal, ele deve amar e realizar sua tarefa pastoral em comunhão com o bispo e as prioridades e orientações pastorais de sua diocese, interagindo com os irmãos no presbitério. O ministério sacerdotal que brota da Ordem Sagrada tem uma



“radical forma comunitária, e só pode ser desenvolvido como uma “tarefa coletiva” (*Presbyterorum Ordinis*).

d. Em particular, o presbítero é convidado a valorizar o celibato.

Como um dom de Deus, o celibato lhe possibilita uma especial configuração com o estilo de vida do próprio Cristo, e o faz sinal de sua caridade pastoral na entrega a Deus e aos irmãos com o coração pleno e indivisível. Na verdade, esta opção do sacerdote é uma expressão singular da entrega que o configura com Cristo e da entrega de si mesmo pelo Reino de Deus. O celibato implica assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade, vivendo-as com serenidade e alegria em favor do Povo de Deus e da construção do Reino de Jesus.

e. O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos.

Isso exige que os presbíteros tenham uma profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito Santo, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração pessoal! O Povo de Deus necessita de **presbíteros-missionários**: movidos pela caridade pastoral, que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distanciados, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, leigos e leigas. O Povo de Deus precisa de **presbíteros-servos da vida**: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos e promotores da cultura da solidariedade. Finalmente, o Povo de Deus clama por presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da penitência e que, ministros da reconciliação nos conflitos na Igreja e na sociedade, se revelem artesãos da paz do Cristo Ressuscitado.

Em suma, pode-se afirmar que a Ordenação não é o Sacramento mais importante no conjunto da sacramentologia, mas é o que gera a presença sacramental de Jesus, o Bom Pastor! Um sacramento que brota da última Ceia de Jesus, e cuja relação íntima com a Eucaristia lhe confere um conjunto de conseqüências praxiológicas e espirituais.

O padre *lato e stricto sensu* é chamado a ser um homem eucarístico, isto é, um alimento saudável para o povo de Deus em todo o seu ministério! Como homem eucarístico, o padre é chamado a exercer o espírito de **diaconia**, seja pelo ministério da palavra, da liturgia e de todo o serviço pastoral.



Acresce que, num mundo marcado por tantas contradições, o presbítero, pela índole de sua vocação, é desafiado a exercer a **Profecia**, pelo anúncio da boa notícia do reino, quer agrade quer desagre, corrigindo ou consolando o povo de Deus. Mas ainda, como homem eucarístico, o padre é chamado a ser sinal e instrumento de comunhão na verdadeira **koinonía**, a serviço do evangelho. Finalmente, como homem eucarístico o padre é chamado à **martyria**, pela integral doação de sua vida à causa do Reino de Deus.

Numa síntese, podemos apresentar o **Decálogo do Presbítero**:

1. O Padre seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia;
2. O Padre seja ardoroso missionário, que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração e a pastoral de manutenção;
3. O Padre seja promotor e animador da diversidade missionária, e dedique tempo generosamente ao sacramento da reconciliação;
4. O Padre edifique uma paróquia que multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os dons com imaginação, para encontrar respostas aos muitos e sempre mutáveis desafios que a realidade coloca, exigindo novos serviços e ministérios;
5. O Padre seja empenhado na edificação da comunidade de discípulos missionários, com organização e dinâmicas pastorais para chegar a todos, buscando recursos humanos e materiais, para que a missão avance e se faça realidade em todos os ambientes;
6. O Padre seja promotor e sustente uma espiritualidade de comunhão missionária, sem o que os instrumentos externos de comunhão não serviriam de nada e se tornariam meios sem alma, máscaras de comunhão;
7. O Padre promova e edifique a família cristã como a primeira e mais básica comunidade eclesial, fazendo dos pais discípulos missionários, transmissores dos valores fundamentais da vida cristã;
8. O Padre seja, à imagem de Cristo Bom Pastor, homem de misericórdia e compaixão, próximo ao seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades, com caridade pastoral, consciente de suas limitações, comprometido com a pastoral orgânica e inserido, com gosto, no seu presbitério;
9. O Padre seja presbítero discípulo, por uma profunda experiência de Deus, dócil às orientações do Espírito Santo, nutrido pela Palavra de Deus e pela Eucaristia diária, fonte de sua oração



pessoal e da sua profunda comunhão com o seu bispo, o presbítero e os leigos (as);

10. O Padre seja conhecedor da cultura atual, para nela semear as sementes do evangelho, como discípulo missionário e servidor da vida, com especial atenção aos pobres, comprometido na defesa dos direitos dos mais fracos e promotor da cultura da solidariedade.

(Documento de Aparecida, nn. 192 a 204)

5 Espiritualidade do Presbítero contemporâneo

Decorrendo da identidade presbiteral em suas raízes bíblico-teológicas, a importância da espiritualidade do presbítero pode ser demarcada pelas seguintes balizas práxicas:

- O povo nas paróquias e comunidades gosta de ver o Padre rezando! A oração sacerdotal, na qual transparece sua fé pessoal em Deus vivo e em Jesus Cristo, edifica a fé do povo de Deus! A oração testemunhal do presbítero edifica a comunidade.
- O Padre é dispenseiro da mensagem salvífica e libertadora do Evangelho, na realidade de uma porção da Igreja Particular. O Padre tem como missão primeira, na linha pessoal, uma postura de oração e testemunho, anúncio e serviço, profecia e diaconia, mantendo um relacionamento íntimo com Deus e comunhão com os irmãos.
- O presbítero é chamado a manifestar Deus ao coração dos fiéis, transmitindo fé nas horas difíceis da vida e com muita vontade de evangelizar os pobres! Como Pastor é chamado a ser manso, misericordioso e fiel à sua missão sacerdotal, sempre em busca da face de Deus e demonstrando sua presença no meio de todos.
- O autêntico presbítero é vocacionado a ser um homem despojado, renunciando a tudo, sobretudo às mordomias, e assim buscando a santificação pessoal e de todo povo de Deus. A simplicidade e santidade da vida do padre, sua prudência e fortaleza, seu compromisso com a justiça e a verdade, e sua temperança e humildade como servo de Deus, é a melhor evangelização.
- Levar Cristo ao mundo, através de palavras e ações e, sobretudo, através da renúncia e testemunho evangélico de



sua própria vida, eis o grande desafio do padre neste mundo secularizado.

- A fidelidade a Deus, como homem de fé, amante da Palavra, e uma grande capacidade de amar os mais pobres, é essencial na vida do padre!
- O padre precisa de uma vida de oração intensa para se encharcar de Deus, como uma esponja enxarcada de água, transformando-se em homem de Deus e sendo para a comunidade a própria presença de Deus.
- Mediador entre Deus e os homens, o padre deve ser íntimo de Jesus Cristo como Ele é do Pai. Somos mediadores no grande Mediador Sacerdotal, que é Jesus Cristo (cf carta aos Hebreus).
- Transmitir e testemunhar Jesus, ter santidade de vida e estar cheio dos frutos do Espírito Santo: paciência, bondade, benevolência, fé, doçura e equilíbrio, amor, paz e alegria – eis a beleza do sacerdócio!
- O padre deverá buscar a fidelidade à doutrina da Igreja e, na espiritualidade bíblica, encontrar a segurança do ministério presbiteral.
- Que o padre seja profundamente centrado na sua vocação, e totalmente preocupado e dedicado à evangelização do mundo contemporâneo.
- O essencial na missão do padre, hoje, é ele conseguir anunciar a pessoa de Jesus Cristo, a partir de sua experiência pessoal.

Destaco ainda uma excelente reflexão para a compreensão da espiritualidade do ministério sacerdotal na contemporaneidade, o **contributo do Papa João Paulo II** na celebração do seu jubileu áureo sacerdotal¹:

- Não há dúvida de que o sacerdote, com toda a Igreja, caminha com o próprio tempo, fazendo-se um auscultador atencioso e compreensivo mas, ao mesmo tempo, crítico e vigilante daquilo que amadurece na história.²

¹ JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério*. São Paulo: Paulinas, 1995.

² Ibidem, página 97.



- Estou convencido de que o sacerdote não deve ter qualquer receio de estar “fora do tempo”, porque o “hoje” humano de cada sacerdote está inserido no “hoje” de Cristo redentor.³

A partir dessa convicção de que o sacerdote é chamado a ser fiel à **Palavra de Deus** e à **Tradição**, porquanto “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8), o papa João Paulo II delineia alguns traços do perfil sacerdotal na contemporaneidade:

1. O sacerdote deve responder as profundas expectativas do homem contemporâneo, que tem sede de Cristo. Como administrador do maior bem da redenção (a Palavra e o Corpo de Cristo), o sacerdote oferece aos homens o Redentor em pessoa.
2. O sacerdote é constituído ministro da misericórdia, enquanto, no sacramento da reconciliação, realiza de modo cabal a sua paternidade espiritual, tornando-se testemunha da ação invisível da graça divina.
3. O sacerdote é vocacionado a um contato íntimo com Deus, buscando a santidade de vida diante daquele que é Santo. O sacerdote vive a experiência de **Isaías (Is 6,1-8)**, experimentando a santidade de Deus que vem ao nosso encontro!
4. O sacerdote é chamado ao ideal da santidade. A radicalidade do Evangelho empenha a vida sacerdotal na vivência dos conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência), alimentados pela profunda oração. “*A oração cria o sacerdote, e o sacerdote cria-se através da oração*”!⁴ O mundo secularizado reclama a presença de sacerdotes santos, que sejam testemunhas transparentes de Cristo.
5. O sacerdote é como médico de almas. O fundamento do sucesso pastoral de um presbítero decorre da sua santidade de vida, e não tanto de obras, projetos e meios extraordinários. Hoje, uma indiscutível prioridade é a atenção preferencial pelos pobres, marginalizados e migrantes, para os quais o padre deve ser um verdadeiro pai! O milagre da evangelização decorre mais do ardor missionário e do espírito de sacrifício, do que das tecnologias modernas!

³ Ibidem, página 97.

⁴ Ibidem, página 103.



6. O sacerdote é por excelência o homem da Palavra: como verdadeiro administrador dos mistérios de Deus, ele privilegia a Palavra Divina como principal meio de evangelização, em todos os cantos e recantos de seu ministério! O padre é um perito no anúncio da Palavra, mas, acima de tudo é um pioneiro na vivência dos ensinamentos do Senhor. Decorre daí seu esforço intelectual por conhecer profundamente a Palavra, para anunciá-la eficazmente sob o impulso do Espírito Santo com os seus sete dons!
7. O sacerdote é desafiado pelos apelos científicos, para compreender a racionalidade do mundo secularizado. O presbítero deverá estar solidamente embasado nos estudos de filosofia e teologia, para dialogar eticamente com as realidades da sociedade secularizada. Ao lado do pensamento aristotélico-tomista que inspira nossa teologia, precisamos do contributo da fenomenologia e do personalismo filosófico, além do de outras expressões humanísticas, para consolidar nosso ministério no encontro com as pessoas e as multidões.
8. O sacerdote é chamado a ser homem do diálogo. Os diversos ramos do saber concorrem para a elucidação da Verdade, cujo esplendor deve iluminar a vida das pessoas pela troca de reflexões interdisciplinares. É no diálogo com o pensamento contemporâneo que o presbítero se revela homem de ciência, que, além de depositário de verdades doutrinárias, dá mostras de experiência pessoal e viva dos mistérios divinos.

6 Conclusão

A vida sacerdotal é uma consagração de amor: portanto, acabando o amor, acaba a missão sacerdotal. Porque padres de países ricos não querem mais os desafios da missão? Porque trocaram a gratuidade pela gratificação! Onde estão as levas de missionários que buscavam as terras mais distantes para evangelizar, em condições por vezes muito difíceis?

O mesmo se diga do clero brasileiro do centro-sul, que assume muito timidamente os desafios da missão na Amazônia, no Nordeste,



nas periferias das grandes metrópoles! E qual será a aceitação da **missão continental**, proposta pelo Documento de Aparecida?

O ato mais libertador e misericordioso de Jesus foi: esvaziar-se de si mesmo, sair da vida trinitária, encarnar-se no ventre de uma pobre moça, nascer no esterco de Belém. Assim, quanto mais o Padre desce ao encontro do povo pobre, mais Deus se enaltece e o reino acontece! É verdade que a elite e a classe média precisam ser evangelizadas também, porém os pobres são a maioria esmagadora em nossos países latino-americanos e africanos!

O sacerdócio é uma experiência Kenótica de (esvaziamento) da nossa condição cultural, social e das nossas carências afetivas. Isso requer controle dos mecanismos de compensação e projeção infantis!

O Padre é um débil servidor de Deus! Aliás, Jesus nos ensina a reconhecer que “*somos servos inúteis*” (Lc 17,10). Mesmo assim, o Senhor quer contar com os seus presbíteros.

A missão sacerdotal, todavia, não é um ato isolado, mas se concretiza na comunhão com a Igreja, o Povo de Deus:

- Comunhão que se funda na Eucaristia, na oração pessoal e na *Lectio Divina*;
- Comunhão que gera milagres nos relacionamentos e conversão pessoal;
- Comunhão que se concretiza na sintonia com os Bispos e com as orientações da Igreja e da Diocese.
- Comunhão afetiva com os irmãos mais próximos, o que exige: saber ouvir, acolher as críticas e não condenar. Nossa geração sacerdotal deverá ser sempre melhor que a anterior!

No documento *Presbyterorum Ordinis*, o Concílio Vaticano II ressalta seis qualidades humanas do sacerdote:

- Bondade de Coração no atendimento dos pobres e sofredores;
- Sinceridade e transparência no relacionamento;
- Coragem profética diante das injustiças e clamores do povo;
- Constância e perseverança nas situações difíceis do ministério;
- Senso de Justiça na administração dos bens da Igreja;
- Delicadeza no acolhimento dos pecadores e afastados da fé.

Este é o desafio! Que os Padres cultivem essas virtudes humanas no seu ministério, buscando no seu coração sacerdotal revelar as insondáveis riquezas de Jesus Cristo. A propósito, em contraste, na Conferência de



Aparecida, um pronunciamento revelou que as atitudes mais dissonantes do clero são:

- Agressividade e dominação, na relação com o povo;
- Complexo de inferioridade, vivendo refém da mediocridade pessoal e pastoral;
- Medo da missão, acomodando-se preguiçosamente na pastoral de manutenção;
- Exibicionismo e narcisismo escandaloso nas manifestações públicas;
- Dependência afetiva de algumas pessoas e relação preferencial com os ricos;
- Gratificação sexual mantendo uma vida dupla e vivendo uma heresia vital.

Ainda o desafio! Que os Padres evitem e superem essas dissonâncias no exercício do seu ministério presbiteral.

Finalmente, **Chiara Lubich** propõe, como perfil do sacerdócio, o ícone mariano, cuja fonte de espiritualidade e bússola seriam estes sete princípios de ouro:

- 1º. Amar a todos: a universalidade do amor presbiteral.
- 2º. Amar por primeiro: a iniciativa do amor sacerdotal.
- 3º. Amar como a si mesmo: a intensidade do amor ministerial.
- 4º. Amar na unidade: a comunhão como singularidade do amor do padre.
- 5º. Amar Jesus no próximo: a identificação de Jesus na alteridade do relacionamento presbiteral.
- 6º. Amar o inimigo: o perdão como heroísmo sacerdotal.
- 7º. Amar na reciprocidade: amor com amor se retribui na missão do presbítero.

Eis um caminho excelente de construção da santidade presbiteral em nossos dias, o que requer, acima de tudo, que o sacerdote seja tecelão da espiritualidade de comunhão, como a preconizou João Paulo II na *Novo Millennio Ineunte* (nn. 42-50). A explicitação desses sete princípios de ouro, na ótica do perfil mariano da Igreja, supõe, todavia, a elaboração de outro texto.

Endereço do Autor:

E-mail: vilfloripa@bol.com.br